

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR E A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NA PRODUÇÃO DE TEXTOS

Débora Azevedo MALENTACHI (PG-UEM)

Renilson José MENEGASSI (UEM)

Resumo: Com respaldo nas teorias discutidas no grupo de pesquisa “Interação e Escrita no Ensino Aprendizagem” (www.escrita.uem.br), Bakhtin/Volochinov (1992), Bakhtin (2003) e Vygotsky (1988), apresento, neste artigo, um recorte da minha dissertação de Mestrado “As ações (não)colaborativas entre professor e alunos de Ensino Médio na construção da escrita”, cujo objetivo principal foi investigar os modos de participação dos sujeitos envolvidos no processo de produção textual em contexto escolar, compreendendo: a) como é feita a mediação pelo professor nos textos produzidos pelos alunos, caracterizando o seu papel nesse processo; b) quais as estratégias de envolvimento do aluno no processo de produção textual, a partir da colaboração do professor. Na análise dos materiais coletados, dentre outros resultados, a triangulação dos dados mostra que: a) nem todas as ações do professor, na construção da escrita, desencadeiam, nos alunos, ações de escrita e reescrita que sejam colaborativas na produção de textos; b) o ato do professor em questionar é a ação mais adequada para estimular, nos alunos, o diálogo interior na escrita, de modo que eles se coloquem como sujeitos no processo de construção, enriquecendo o conteúdo temático de seus textos à medida que são reescritos.

Palavras-chave: escrita, interação, ações colaborativas.

1. Introdução

Nos dois primeiros tópicos, sintetizo parte das reflexões teóricas que orientaram a investigação. Em seguida, apresento o contexto da pesquisa e, como mostra representativa dos dados coletados, a análise de versões textuais produzidas por um dos sujeitos participantes da pesquisa e que originaram a versão final do artigo de opinião publicado no jornal *O Diário do Norte do Paraná, Maringá*, em 24 de dezembro de 2005, mais as interferências que orientaram as reescritas e outros dados que complementam a análise. Por último, comento os resultados.

2. A escrita e a formação-expressão do conhecimento

A gênese de todo o processo de formação e expressão do conhecimento situa-se, tanto na concepção de Bakhtin (2003), quanto na de Vygotsky (1988), no âmbito social, isto é, nas relações interpessoais. Socialmente edificado a partir da interação entre os indivíduos, o conhecimento atinge níveis individuais e intrapessoais, (trans)formando os sujeitos e retornando para o universo interpessoal sob velhos ou novos paradigmas. As novidades de seu retorno demandam a ação do sujeito na aprendizagem e sobre o objeto de conhecimento, expressando-o através de palavras que denotem a sua individualidade.

Bakhtin (2003) chama de “monologização da consciência” o processo pelo qual o sujeito pode transformar as “palavras alheias” em “pessoais”, permitindo a (re)elaboração, rearranjo pessoal das palavras alheias, a novidade do conhecimento em seu retorno ao social. Em Vygotsky, a monologização recebe o nome de internalização. Utilizando, como exemplo, a formação da criança, o autor (1988, p. 64) advoga que “o processo de internalização consiste numa série de transformações” e, frente a determinadas operações externas apreendidas no nível individual, pelo sujeito, os resultados dessa internalização podem ou não (re)aparecer no âmbito social e a

qualidade ou nível em que se dá esse acontecimento marcadamente sociointeracionista depende, exclusivamente, do que o autor chama de sedimentação do conhecimento.

Sob essa perspectiva vygotskyana, o sujeito precisa de tempo para (re)pensar, (re)avaliar, refletir e agir sobre o conhecimento. No contexto escolar, essas ações, passíveis de ocorrer no tempo de sedimentação, são imprescindíveis para que o aluno tenha condições concretas de adentrar na temática e no processo de produção textual, dialogando com o outro e consigo mesmo, de modo a expressar, na escrita, o conhecimento internalizado por meio de uma expressão e estilo peculiares. Só assim terá condições de modificar(-se) e transformar as palavras do outro em suas próprias, resultando em um texto preenchido por palavras suas, não apenas por expressões ou idéias que simplesmente parafraseiam ou reproduzem o discurso alheio.

A escrita é, portanto, uma resposta palpável de como se deu, no aluno, o percurso de sedimentação do conhecimento e ela possibilita a sua ação sobre o outro e, especialmente, o dizer para dizer-se. Nesse sentido, é importante que o professor também propicie, ao aluno, a possibilidade de dizer-se para um outro que não seja apenas ele, o professor e interlocutor real do aluno, mas um que lhe seja o interlocutor virtual. Propiciadas essas condições, o educando pode vivenciar a progressiva experiência e constatação de que o que há de mais fascinante na formação e expressão do conhecimento é a possibilidade de, a partir do diálogo com o outro e consigo mesmo, desconstruir o mundo das certezas, internalizando o discurso alheio com criticidade, exteriorizando-o por meio de um novo discurso, o qual, embora “contaminado” pelas vozes alheias, é exclusivamente seu enquanto resultado de uma reflexão madura, de uma tomada de posição irreverente, de uma voz que se deixa notar por sua capacidade de autoria.

Para formar, no aluno, essa consciência funcional, social e dialógica da escrita, é fundamental que as ações docentes sejam norteadas pela concepção de escrita como trabalho. Vivenciar a escrita dessa forma é, nas palavras de Sercundes (1997, p. 96), a real possibilidade de fazer com que cada texto produzido sirva “de ponto de partida para novas produções, que sempre adquirem a possibilidade de serem reescritas, de apresentarem ‘uma terceira margem’”, ou seja, uma escrita que, graças às ações dos sujeitos envolvidos no processo, mostra-se possível e muito superior àquela apresentada na primeira versão. Ancorada nesta concepção de escrita, a pesquisa compreende a produção de textos, realizada em contexto escolar, como um acontecimento marcadamente sociointeracionista, que percorre as várias etapas de (re)construção num processo contínuo de interação e de produção de conhecimentos entre os sujeitos participantes deste evento dialógico. Assim, as atividades prévias “funcionam como um ponto de partida para desencadear uma proposta de escrita” (SERCUNDES, 1997, p. 83), através da qual os sujeitos experienciam “momentos diferentes, como o de planejamento de um texto, o da própria escrita do texto, o da leitura do texto pelo próprio autor, o das modificações feitas no texto a partir dessa leitura” (FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1994, p. 55).

3. O artigo de opinião, a temática e o diálogo interior na escrita

O foco investigativo da pesquisa são as ações (não)colaborativas do professor e do aluno no processo de produção de artigos de opinião que, nas palavras de Rojo (2000, p. 223), trata-se de “um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada idéia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor

e de refutação de possíveis opiniões divergentes”. O assunto que originou, nos alunos, a escolha temática advém de um universo de valores espirituais, transcendentais, mais abstrato que concreto, mais subjetivo que objetivo e que, portanto, apresenta-lhes uma possibilidade escassa ou praticamente inexistente de apresentar provas concretas capazes de convencer o leitor a aceitar o ponto de vista por eles defendido no processo de argumentação. Isso significa que os educandos teriam que, primeiro, ir ao encontro de si mesmos, descortinando sua idiossincrasia, para depois, através da escrita, ir *de* ou *ao* encontro do *outro* por meio de estratégias argumentativas que não fossem baseadas em dados estatísticas ou provas concretas, mas em experiências, crenças e valores pessoais.

É importante aclarar que os valores internalizados na consciência humana e que dizem respeito, especialmente, ao universo espiritual, nem sempre passam pelo crivo do diálogo interior. Muitas vezes, a crença religiosa ou o ceticismo tornam-se tão óbvios para o indivíduo que apenas quando ele se depara com situações em que é preciso exteriorizar essa dimensão particular a alguém é que se sente forçado a pensar sobre ela. Nas palavras de Duarte Júnior (1993, p. 8), “segundo uma asserção que já se tornou popular, o óbvio é o mais difícil de ser percebido” e Brandão (2005, p. 266) explica que “há uma instância interior de percepção, de revelação da verdade, que é a consciência; o ser que eu sou é captado pelo ato de pensar. A verdade não é simplesmente reconhecida, mas produzida pelo homem nesse processo de percepção de si próprio”. Entretanto, geralmente o sujeito ocupa mais o seu tempo em criticar aquilo que é verdade para o outro e, poucas vezes, pára para pensar sobre o que é verdade e óbvio para si mesmo. Nesse sentido, na hora de expressar na escrita sua idiossincrasia, as primeiras dificuldades aparecem justamente pelo desencontro e pela falta de percepção e de diálogo com seu mundo interior, sua consciência, seus pensamentos.

É nesse sentido que a produção de texto requer passar pelo tempo de sedimentação e etapas de reescrita via mediação do professor, para que o aluno tenha tempo e receba orientação para dialogar consigo mesmo e com o conhecimento internalizado, expressando-o de modo claro e organizado, adequando o conteúdo de seus pensamentos sobre o tema que lhe foi sugerido ou que ele mesmo escolheu, através de um discurso que atinja um auditório social determinado. Caso contrário, “escreve mal aquele que não tem o que dizer porque não aprendeu a pôr em ordem o seu pensamento e, porque não tem o que dizer, não lhe bastam regras ou vocabulário” (BERNARDO, 2000, p. 11).

Sobre essa situação, Bakhtin/Volochinov (1992, p. 118) lembra que “a atividade mental tende desde a origem para uma expressão externa plenamente realizada. Mas pode acontecer também que ela seja bloqueada, freada” e compreende-se que esse bloqueio acontece justamente pela ausência ou superficialidade no ato de pensar e conseqüente dificuldade na organização dos pensamentos e na expressão destes no texto escrito. Quando o aluno é motivado ou levado a escrever sobre determinado tema, principalmente quando se trata sobre algo de natureza muito pessoal e subjetiva, ele não vê outra saída senão pensar sobre a temática proposta para que possa ordenar e apresentar suas idéias com clareza. Muitas vezes, porém, esse pensar do educando é superficial, o que gera uma escrita igualmente superficial.

Quando o sujeito consegue materializar qualitativamente seus pensamentos na linguagem escrita, sua expressão “exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p.118). Isto significa que “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que

organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (idem, p. 112). No processo da escrita, conversar consigo mesmo, repensando e questionando valores, é o caminho para que a atividade mental deixe de ser fortuita, ganhando uma expressão lingüisticamente completa e aclarando, assim, as dimensões significativas da consciência do sujeito-autor. Para Bakhtin/Volochinov (1992), sem diálogo interior não existe consciência, mas ele também adverte que o diálogo precede essa fala monologizada, isto é, o diálogo com o outro precede o diálogo consigo mesmo. Por isso, a importância de, a partir da mediação, o professor dialogar com o aluno, levando-o a dialogar consigo mesmo, motivando-o a questionar, refletir e (re)pensar sobre o que já disse, o que ainda não disse e pode (ou deve) fazê-lo no texto em processo de construção.

A pesquisa compreende como fundamental este diálogo interior na escrita, principalmente a de natureza argumentativa que versa sobre algum tema de caráter subjetivo. Alguns alunos participantes da pesquisa, ao produzirem o artigo de opinião proposto, reclamaram não saber exatamente como expressar, através de argumentos, a sua verdade, aquela que lhe é subjetiva e está contida em seu interior. Isto demonstra a dificuldade de os educandos dialogarem consigo mesmos no processo de produção textual. Talvez esta situação seja o reflexo de fatores como, por exemplo, a condição passiva e acrítica do aluno em aceitar como verdadeiro, correto, justo, bom ou adequado tudo aquilo que os rodeia e que conquista sua empatia, pouco questionando os argumentos de autoridade e os valores já internalizados. Nesse sentido, para reverter ou, ao menos, amenizar a tendência que ainda predomina nos bancos escolares, é importante que as ações docentes estejam alicerçadas em conhecimentos e subsídios teórico-lingüísticos essenciais para transformar sua prática, incentivando o aluno a questionar os argumentos, não apenas os de autoridade, mas também os de consenso, criando, assim, as possibilidades para que ele entre como sujeito-agente na construção da escrita, colaborando, também, com suas ações no processo.

4. O contexto da pesquisa, a proposta de produção e análise

A coleta de dados para a pesquisa aconteceu no quarto bimestre do ano letivo de 2005, em um colégio particular no Noroeste do Paraná, na região de Maringá, instituição de formação religiosa que atende a uma clientela de classe média e alta e oferece Educação Infantil, Ensinos Fundamental e Médio.

A análise deu-se através de: 1) diários de bordo, instrumento onde, a meu convite, 7 alunos registraram suas reflexões pessoais antes e durante o processo de escrita e reescritas; 2) caderno de campo, onde foram registrados, com auxílio discente, a descrição minuciosa dos conteúdos trabalhados, as leituras realizadas, alguns comentários, explicações, dizeres e atitudes dos alunos durante as discussões; 3) rascunhos e versões definitivas de artigos de opinião, produzidos pelos alunos sob a minha mediação em sala de aula e, em alguns casos, fora do ambiente escolar, com o auxílio de correio eletrônico, estabelecendo-se, assim, entre nós, um diálogo virtual em outros momentos que não fossem aqueles restritos apenas às horas/aula; 4) questionário composto por nove perguntas abertas, aplicado após concluírem a última versão do texto, para verificar aspectos relevantes acerca do processo de construção da escrita vivenciado pelos estudantes, desde o seu planejamento inicial até a sua versão final.

Foram 69 o número de sujeitos-participantes da pesquisa: 12 deles não elaboraram nenhum rascunho antes da versão definitiva; 42 apresentaram, pelo menos, uma versão antes da definitiva, entregando-a para receber minhas intervenções; 15 alunos fizeram

um rascunho antes da versão definitiva, mas não o apresentaram para receber orientações. Foram, no total, 75 rascunhos entregues e 62 versões definitivas. Dos 69 alunos, 7 entregaram apenas o rascunho do artigo.

As leituras que subsidiaram a escrita foram as entrevistas “O devoto de Darwin”, com o zoólogo britânico Richard Dawkins, e “Deus está nu”, com o filósofo francês Michel Onfray publicadas na revista *Veja*, respectivamente, em 1º de junho de 2005 e 25 de maio de 2005, mais duas páginas de fragmentos do livro “Provas da existência de Deus”, do autor Jefferson Magno Costa, Editora Vida. As entrevistas tratam, principalmente, sobre questões referentes à religião, ao ateísmo, evolucionismo, criacionismo, polemizando e apresentando argumentos contra a existência de Deus. Os fragmentos do livro apresentam citações de Platão, Aristóteles, Sócrates, Voltaire, Francis Bacon, Nietzsche, Marx, Dostoiévski e refutações do autor a partir de alguns dos discursos ali relatados, sustentando, bem ao contrário das entrevistas, a existência de Deus. No percurso das leituras e debates, foi necessário lembrar aos alunos de que tão importante quanto a participação de cada um deles era o respeito pelos diferentes posicionamentos, pois, embora estivessem em um estabelecimento de formação católica, havia colegas de outras religiões, como evangélicos e espíritas, praticantes, simpatizantes e ateus.

A proposta de produção do artigo de opinião foi, primeiramente, um convite para o aluno dizer e, ao mesmo tempo, dizer-se. Para isso, dentre outros aspectos, os sujeitos da pesquisa foram incentivados a questionar os argumentos de autoridade, já que não traduzem verdades absolutas e, por isso, podem ser refutados por meio de contra-argumentos bem elaborados e convincentes. Por fim, foi-lhes mostrado que o mais importante, na escrita, é agir sobre o outro, mostrando-se ao interlocutor como sujeito transparente, autêntico e consciente de suas palavras.

Outros diferenciais oferecidos, nesta proposta de produção, foram: 1) o direito de os alunos escolherem, a partir dos assuntos discutidos, uma temática sobre a qual gostariam de argumentar; até então, a delimitação do assunto era algo dado, pronto e não sujeito a mudanças; 2) mais tempo para pensar e (re)escrever sobre a temática escolhida, buscando dentro de si mesmos algumas respostas e, se quisessem, poderiam pesquisar mais a respeito, em outras fontes; até então, eles produziam um texto no tempo máximo de duas aulas de 45 minutos cada, com um limite de 35 linhas e com algumas leituras prévias sobre o conteúdo temático da produção; desta vez, eles teriam, em média, um mês para as leituras, um mês para a produção e sem limite de linhas; 3) orientação para que elaborassem uma pergunta-chave imaginária, isto é, um questionamento não necessariamente explícito no texto, mas que seria útil para orientá-los na análise e reflexão temática, dando-lhes condições de atingir determinado(s) objetivo(s) em sua escrita; 4) o texto mais bem elaborado seria encaminhado para publicação na seção *Opinião* do jornal *O Diário do Norte do Paraná*; eles tinham, portanto, os leitores deste conceituado veículo de comunicação como seus interlocutores virtuais.

A mostra representativa que aqui apresento são algumas das versões textuais que originaram a versão escolhida e publicada no jornal. São textos que, comparados aos demais que constituem o *corpus* da pesquisa, apresentam características acima da média. No intuito de analisar as minhas ações e as do aluno no processo de escrita e reescritas, transcrevo as versões textuais, que me foram enviadas via e-mail, com algumas numerações entre parênteses, apontando para as orientações que foram feitas às margens do texto no processo de mediação. Antes, porém, de apresentar a primeira

versão, apresento um dos fragmentos do Diário de Bordo produzido pelo aluno-autor do texto:

Para a produção do rascunho do meu artigo, tentei buscar um tema diferente, que fosse menos dissertado pelos outros alunos, como "a existência de Deus", por exemplo. Acredito q debater esse tema, diretamente, implica em, "bater de frente" com os ateus, e entrar em questões muito particulares. Por isso, procurei falar da Fé em outros aspectos:* fazendo uma comparação com a revolução que a vinda Jesus Cristo gerou na humanidade, tanto para os que crêem, quanto para os que não crêem, pois, é impossível negar que Jesus não tenha marcado o tempo, as etnias e religiões, e, isso serve de argumento para contra-argumentar o texto de Onfray, quando diz que a religião e Deus são invenções puramente humanas, pois se fossem, não teriam causado tanto impacto na sociedade;* usando o sinonimo de vida sem fé = vida sem sonho, sem perspectiva, e então sem impulso para a construção de uma sociedade melhor; * usando a IRONIA, que particularmente achei super legal, e muito importante pois choca o leitor, ou o aproxima da realidade, quando digo que concordo com Michel Onfray que há outras formas de resultados que não sejam a religião como a filosofia, DESDE QUE A RELIGIÃO, COMO ELE AFIRMA, SEJA MERAMENTE UM CONSOLO PARA AS PERDAS. (neste aspecto, pretendo explorar mais o meu texto, porém não tive tempo.. preciso melhorar e focar este parágrafo nisso!!) * usando também um pensamento de Dostoiévsky, quando diz que o ser humano tem o pressentimento de um Ser supremo, e q o homem tem um vazio do tamanho de Deus, a partir disso, defendi que todos os prazeres, como a doutrina Onfray prega, todas as outras coisas são efêmeras, não são capazes de preencher esse " vazio reservado para Deus".

Tomando por base os verbos utilizados no pretérito perfeito, estas palavras do Diário foram escritas depois de pronta a primeira versão do texto. O aluno demonstra maturidade na sua reflexão temática, consciência do que fez, do que ainda precisa ou pretende fazer, e de quais os seus objetivos na produção do artigo. É provável que, antes da primeira versão, o aluno ainda não tinha mentalmente delineado todo este percurso, o que nos leva a compreender a veracidade do que Bakhtin/Volochinov (1992) expõe sobre a expressão organizar a atividade mental e o universo interior do sujeito. O aluno também demonstra um aproveitamento significativo das orientações e conteúdos trabalhados em sala de aula, dentre eles a ironia, as citações e o ato de refutação. As suas ações iniciais de escrita anunciam-se, portanto, muito positivas e colaborativas.

Agora, podemos conferir a primeira versão apresentada:

Desde a antiguidade, a religião está presente na vida do homem, sendo ela politeísta ou monoteísta. E, de uma forma ou de outra, a vinda de Jesus Cristo marcou(1) a humanidade, gerando uma revolução silenciosa, que chegou a modificar o processo imperialista de Roma. A história de Jesus, tão defendida e atacada, causa tão grande impacto aos que crêem e aos que não crêem também, tornando-se impossível de ser negada ou considerada invenção puramente humana, como disse o filósofo Michel Onfray(2).

O filósofo nos propõe um projeto chamado "projeto hedonista ético", no qual defende o direito do ser humano ao prazer. As posses, e todo o prazer que se possa ter no mundo, não dão o real sentido à vida, não nos impulsiona a construir uma sociedade melhor, porque não preenchem o espaço que há, por natureza, no homem para Deus. Como o famoso escritor Dostoiévski diz: "O espírito humano leva consigo o pressentimento da existência de um Ser Supremo e divino." Mesmo a filosofia, não supre esse "vazio de Deus"(3) que em nós existe, pois a reflexão nos leva ao auto-conhecimento, à percepção do mundo, mas, não é suficiente para a construção de um mundo melhor fundamentado na fé.

Se a religião, for de fato, "uma criação para esconjuram a angústia da morte", como diz Onfray, ele está certíssimo em recorrer a outras formas de reação. Porém, viver sem fé é viver sem sonho, sem perspectivas(4). Tudo o que existe por si só existe porque, em algum momento, Deus criou, independente de qual for o Deus da crença. Os ritos religiosos são símbolos da entrega, na qual deposita-se toda esperança, todos os desejos, sonhos, e onde

Deus, o “ser supremo”, se faz próximo aos cristãos na pessoa de Jesus Cristo, e rege a vida dos fiéis.

Ainda sem título e sem os parágrafos conclusivos (afinal, o texto está em construção), o aluno, já na primeira versão, transpõe para a escrita os seus pensamentos, intenções e ideologias de forma clara e objetiva. Ao contrário de muitos dos seus colegas que apresentaram dificuldades na organização das idéias, perdendo, inclusive a unidade temática.

Diferentes alunos apresentam, obviamente, diferentes escritas. Por isso, cada uma delas requer uma atenção individualizada que trate de apontar determinadas ocorrências que, relacionadas à forma e/ou ao conteúdo, requerem a atenção do aluno no momento das reescritas. Sendo assim, no papel de mediadora, observei que este texto não necessitava de apontamentos com relação à parte lexical, gramatical, sintática e/ou ortográfica, exceto por algumas pontuações empregadas inadequadamente e pelo advérbio de intensidade sublinhado, no intuito de chamar a atenção do autor para uma repetição tautológica que pode ser evitada. O que fiz foi levantar alguns questionamentos a fim de, num primeiro momento, orientar o aluno a enriquecer seu conteúdo temático. Conforme os números que aparecem na primeira versão, escrevi às margens do texto:

(1) A divisão da história em a.C e d.C seria uma das evidências deste fato?

(2) Qual a fonte?

(3) Você utilizou a idéia do “vazio” que há dentro do homem e da possibilidade de preenchê-lo apenas em Deus. Mas como você explica a idéia da realização pessoal e da felicidade longe de Deus? Seria uma falsa ou pseudo-felicidade?

(4) É importante que você considere o que significa viver uma vida divorciada de tudo o que você já citou: sonhos, fé, esperança, perspectivas. É possível negar a existência de Deus, ser o dono absoluto de sua própria vida e, mesmo assim, ser feliz?

Exceto a segunda pergunta, para a qual basta uma rápida visita do aluno à fonte para copiar os dados necessários, as demais intencionaram instigar ainda mais sua reflexão e seu diálogo interior, contribuindo para enriquecer o conteúdo temático de seu texto. Em mediações dessa natureza, foram quatro os tipos de ações demonstradas pelos alunos no processo de produção: três delas colaborativas e uma não-colaborativa.

A primeira ação colaborativa, no processo de reescritas, a praticada com mais freqüência pelos alunos, é atender aos questionamentos de modo superficial, oferecendo respostas vagas, através de uma linguagem pouco ou nada sofisticada. Embora muito limitadas e superficiais as alterações feitas nas reescritas, esta ação não deixa de ser ativa e colaborativa. A segunda ação acontece quando a resposta se dá de forma satisfatória, adequada, demonstrando o interesse do aluno em melhorar sua escrita. A terceira ação pode ser constatada quando o aluno se coloca, de fato, como sujeito no processo de produção, de modo a ultrapassar as perguntas feitas, acrescentando exemplos, intensificando a qualidade do texto com colocações não previstas pelo mediador. Por último, a ação não-colaborativa acontece quando o aluno escolhe não atender nenhuma das sugestões dadas, apresentando, na reescrita, uma cópia da versão anterior, salvo algumas pequenas alterações em ocorrências estritamente formais.

A partir dessas premissas, o autor do texto demonstra que suas ações são colaborativas e enquadram-se nas do terceiro nível apresentado acima. Podemos

constatar isto na leitura da segunda versão que me foi enviada poucos dias depois de receber a versão anterior com as minhas orientações:

*Desde a antiguidade, a religião está presente na vida do homem, sendo ela politeísta ou monoteísta. E, de uma forma ou de outra, a vinda de Jesus Cristo marcou a humanidade **de tal modo que a própria história sofreu uma divisão (a.C e d.C)**, gerando uma revolução silenciosa, que chegou a modificar o processo imperialista de Roma. A história de Jesus, tão defendida e atacada, **causa*** grande impacto aos que crêem e aos que não crêem também(1), tornando-se impossível de ser negada ou considerada invenção puramente humana, como disse o filósofo Michel Onfray **à revista Veja(2)**.*

***Na entrevista**, o filósofo* propõe um projeto chamado “projeto hedonista ético”, no qual defende o direito do ser humano ao prazer(3). As posses* e todo o prazer que se possa ter no mundo* não dão o real sentido à vida, não nos impulsiona a construir uma sociedade melhor, porque não preenchem o espaço que há, por natureza, no homem para Deus. Como o famoso escritor Dostoiévski diz: “O espírito humano leva consigo o pressentimento da existência de um Ser Supremo e divino.” Mesmo a filosofia* não supre esse “vazio de Deus” que em nós existe, pois a reflexão nos leva ao auto-conhecimento, à percepção do mundo, mas* não é suficiente para a construção de um mundo melhor fundamentado na fé.*

Se a religião for, de fato, “uma criação para esconjurar a angústia da morte”, como diz Onfray, ele está certíssimo em recorrer a outras formas de reação. Porém, viver sem fé é viver sem sonho, sem perspectivas;* e **uma vida divorciada de valores como esses, implica muitas vezes, em abrir mão da crença em Deus, assumindo a postura de deus(4) em sua própria vida, não sendo assim completo, feliz. O mesmo se explica a realização pessoal de muitos que se encontram distantes de Deus. Estes, vivem de uma realização aparente, uma pseudo-felicidade. Mesmo artistas famosos, com grande status na sociedade, têm suas próprias crenças, mesmo que elas não condigam com o “comum”, como é a religião do ator Tom Cruise(5), por exemplo.***

O aluno ainda não apresenta o título, nem os parágrafos conclusivos. Num espaço de tempo maior, cedido para a produção, ele não tem pressa para finalizar seu texto. Assim, pode pensar mais, fazer novas tentativas de reescrita, expressando um conhecimento que, progressivamente, ganha contornos mais nítidos e concisos no processo de sedimentação. O aluno que sabe aproveitar o tempo de sedimentação só tem a ganhar, aprimorando suas habilidades de escrita, constituindo-se, assim, como sujeito na produção de textos. Porém, nem todos os participantes da pesquisa aproveitaram a oportunidade de terem mais tempo para a produção do artigo. A responsabilidade, dedicação, vontade e disciplina dos alunos, no processo, são fatores sobre os quais o mediador não pode interferir diretamente. No máximo, algumas indiretas e, mesmo assim, os resultados são mínimos. Alguns alunos, principalmente os que precisam de nota, tentam corrigir hábitos que não contribuem para uma escrita eficaz, como o deixar para a última hora, o fazer por fazer, o fazer de qualquer jeito.

Os asteriscos apontam para vocábulos, pontuação ou períodos inteiros excluídos pelo aluno. No segundo parágrafo, o primeiro asterisco sinaliza para uma expressão eliminada, algo que não lhe foi sugerido, mas que demonstra a sua percepção e iniciativa no processo. Todas as partes em negrito mostram as modificações feitas por ele a partir dos questionamentos que lhe foram direcionados na mediação e as mudanças mais visíveis e significativas aparecem no terceiro parágrafo.

Motivado por minhas perguntas, o aluno retirou uma boa parte das idéias ali apresentadas, acrescentando outras. Enquanto que, no primeiro parágrafo, o aluno apenas transformou a minha pergunta, *A divisão da história em A.C e D.C seria uma das evidências deste fato?*, em uma afirmação, *Jesus Cristo marcou a humanidade de tal modo que a própria história sofreu uma divisão (a.C e d.C)*, no último ele

transformou as minhas palavras nas palavras dele. Retomando os pressupostos de Bakhtin (2003, p. 294) acerca da palavra, lembramos que “uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, como uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão”. É exatamente isto que fez o aluno. Ao utilizar, por exemplo, a palavra *pseudo-felicidade*, temos um exemplo claro de como o aluno pode fazer uso de palavras que, até então, não faziam parte de seu repertório vocabular, incorporando-as ao seu discurso com clareza e estilo. Outra palavra que o aluno aproveitou das minhas orientações, em seu texto, é a expressão *divorciada*. Certamente que ele já conhecia este vocábulo, mas provavelmente foi esta a primeira vez que a utilizou em um contexto completamente diferente.

De um modo geral, o aluno demonstra atender as minhas perguntas de forma adequada e não limita-se apenas em respondê-las, apresentando um exemplo e explicando suas colocações. As interferências que fiz às margens de seu texto, nesta versão, conforme as numerações em destaque, foram:

- (1) Excluir.
- (2) Citar a data também.
- (3) Para que o leitor tenha certeza de que o comentário a seguir é sua opinião e não a do filósofo, é importante que você explique, em breves palavras, o que ele tem em mente com relação à idéia de prazer que tanto defende.
- (4) Completar: “...assumindo a postura de ser o deus de sua própria vida...”
- (5) Como é a religião do ator Tom Cruise? Nem todos os leitores têm este conhecimento. O que acha de complementar seu exemplo?

Algumas das interferências feitas, como as de número 1, 2 e 4, são diretas, restritas, mostrando a alteração que deve e/ou pode ser feita e, por isso, são orientações que não exigem o refletir do aluno. Quando feitas mediações apenas dessa natureza, nos textos produzidos, constatei que dificilmente os alunos fazem progredir seu conteúdo temático, a não ser que ele tome a iniciativa da ação em acrescentar o que não lhe fora mostrado ou sugestionado. Já as orientações de números 3 e 5 requerem uma certa reflexão e planejamento por parte do aluno, a fim de criar soluções para as ocorrências apontadas.

Junto com a segunda versão, ele enviou-me a seguinte mensagem:

(...) peguei a 1ª versão do meu rascunho e modifiquei algumas coisas.. deixei as idéias mais "claras" mas estou com uma dificuldade.. não consigo dar continuidade.. parece que há tanto para se falar.. mas não sei como ligar a última idéia que eu deixei escrita no meu texto.. será que vc poderia ler e tentar me ajudar a “puxar um gancho” para continuar?! acho q as primeiras idéias estão bem resolvidas.. mas quero falar mais ainda.. a experiência de ter mais tempo para ler e reler e fazer várias versões do meu texto está sendo mTo legal! estou gostando de ver o meu próprio progresso!

Esta mensagem mostra algumas das dificuldades do aluno que são naturais no processo da (re)escrita, comprovando que o resultado final, isto é, a versão final publicada no jornal não foi resultado de uma inspiração ocasional, mas sinônimo de trabalho. O esforço e dedicação do aluno são ações de escrita imprescindíveis para que bons resultados sejam atingidos. A mensagem do aluno demonstra, também, que, na escrita vivenciada como trabalho, ele vê seu próprio progresso e sente-se recompensado por isto.

Respondendo ao seu pedido, apresentei-lhe mais algumas orientações escritas ao final de seu texto. Vejamos:

G., para que você continue sua discussão, preparando-se para a conclusão, sugiro, como “gancho”, a questão da intimidade com Deus aliada ao prazer. Aqui você pode abordar sobre a mera religiosidade, aquela que valoriza muito mais as leis e dogmas criados pelo homem do que os mandamentos dados por Deus. Você pode, inclusive, citar passagens bíblicas como argumentos de autoridade. Argumente sobre: como pode o homem desfrutar da vida com prazer? em que consiste o verdadeiro prazer? os prazeres oferecidos pelo mundo são sadios? são duradouros? proporcionam mais malefícios ou mais benefícios?

São sugestões e mais perguntas que objetivaram motivar o diálogo interior no processo de produção. Até aqui, na primeira e segunda versões, focalizei o mundo das idéias, incentivando o aluno a ampliar, complementar e enriquecer o conteúdo de seu artigo. Abaixo, transcrevo a terceira versão, que veio com o título e os parágrafos finais:

A libertação da religião(1)

Desde a antiguidade(2), a religião está presente na vida do homem(3) sendo ela politeísta(4) ou monoteísta. E, de uma forma ou de outra, a vinda de Jesus Cristo(5) marcou a humanidade de tal modo que a própria história sofreu uma divisão (a.C e d.C), gerando uma revolução silenciosa, que chegou a modificar o processo imperialista de Roma. A história de Jesus, tão defendida e (6) atacada, causa grande impacto aos que crêem e aos que não crêem, (7) tornando-se impossível de ser negada ou considerada(8) invenção puramente humana, como disse o filósofo Michel Onfray (9) à revista Veja, em 25 de maio de 2005, sob o título “Deus está nu”(10).

Na entrevista(11), o filósofo(12) propõe um projeto chamado “projeto hedonista ético”, no qual defende o direito do ser humano ao prazer. Ao desenvolver esse projeto, Michel concluiu que:(13) “as religiões exaltam a submissão, a castidade, a fé cega e conformista em nome de um paraíso fictício depois da morte”, por isso(14) as pessoas devem entregar-se aos prazeres da vida. Porém, as posses e todo o prazer que se possa ter no mundo não dão o real sentido à vida, não nos impulsiona a construir uma sociedade melhor, porque não preenchem o espaço que há, por natureza, no homem para Deus. Como o famoso escritor Dostoiévski diz: “ O espírito humano leva consigo o pressentimento da existência de um Ser Supremo e divino.” Mesmo a filosofia não supre esse “ vazio de Deus” que em nós existe, pois a reflexão nos leva ao auto conhecimento, à percepção do mundo, mas não é suficiente para a construção de um mundo melhor fundamentado na fé.

Se a religião for, de fato, “uma criação para esconjurar a angústia da morte”, como diz Onfray, ele está certíssimo em recorrer a outras formas de reação (15). Porém, viver sem fé é viver sem sonho, sem perspectivas; e uma vida divorciada de valores como esses implica muitas vezes, em abrir mão da crença em Deus, assumindo a postura(16) de ser o deus de sua própria vida, não sendo, assim, completo e feliz. O mesmo acontece na realização pessoal de muitos que se encontram distantes de Deus. Estes vivem de uma realização aparente, uma pseudo-felicidade. Mesmo artistas famosos, com grande status na sociedade, têm suas próprias crenças, que podem estar aliadas aos atos excêntricos, como é a religião do ator Tom Cruise, por exemplo.

O fundamento das religiões implica na busca da verdade, que nos leva à plena liberdade: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará (...) Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres.” (João 8,32-34). A essa busca, muitos outros valores estão atrelados, entre eles, a importância da intimidade com Deus, e as opções que fazemos na vida. Não se pode viver valorizando mais as leis e dogmas criados pelo homem do que os mandamentos dados por Deus. E, isso não significa que não podemos desfrutar dos prazeres, aliás, é uma questão de consciência: “Tudo vos é permitido, porém nem tudo vos convém.” (I Cor 6,12). O mundo nos oferece caminhos, mas muitos deles não são sadios, colocando em risco a nossa própria segurança, nossa felicidade, a saúde do corpo, alma, espírito e caráter. São opções momentâneas que destroem a vida de muitos. Entretanto, é possível gozar de prazeres duradouros, sadios, que não ameaçam nossa integridade enquanto seres humanos e que não ferem nem a nós nem ao próximo.

Portanto(17), o que importa de fato, é a fé em Deus(18). Ao estar aliada à verdade, a religião tem poder para transformar a sociedade. Dessa forma, devemos conhecer os diferentes conceitos, valores, regras, limites, enfim, a verdade, que nos leva a lutar para a

construção de uma vida melhor para todos, e (19) a partir disso, adaptarmo-nos àquilo que por opção, e pelo livre arbítrio que Deus nos deu desde a Criação, escolhemos para defendermos e entregarmos a fim de praticarmos a justiça num mundo tão desigual como é o que vivemos hoje.

A partir desta versão,, já tive condições de decidir que seria este o artigo a ser encaminhado para publicação no jornal. Outros bons textos estavam em processo de produção, mas este, em especial, parecia ser o mais adequado, por tratar de um assunto polêmico com bom senso, através de uma linguagem agradável, clara e sofisticada, demonstrando, também, o domínio, a maturidade e a segurança do autor ao discutir a temática escolhida. Porém, ao contrário do que talvez se esperava, não foram poucas as interferências feitas nesta versão. Considerando que o conteúdo apresentava-se satisfatório e, principalmente, pensando na publicação e nos leitores do jornal, minhas orientações ao aluno, desta vez, primaram o trabalho com algumas expressões específicas e com a linguagem de um modo geral, dando mais ênfase à argumentatividade, no intuito de fazê-lo lapidar o conjunto das idéias ali já apresentadas. A seguir, as orientações:

- (1) É melhor evitar a rima e decidir por um outro título semelhante. Sugestões: 1) Religião e Liberdade; 2) Liberdade na Religião. Ou um título diferente. Sugestões: 1) Uma questão de escolha; 2) Amigos da liberdade (esta última sugestão traz implícitas as idéias: Jesus, Religião e Deus).
- (2) Muitos textos escolares começam dessa forma: desde a antigüidade, desde tempos remotos, tempos atrás, atualmente, antigamente etc. Para que o início de seu artigo escape desses estereótipos, elimine essas expressões. Vá direto ao assunto: A religião...
- (3) “A religião está presente na vida do homem”. Procure dizer esta mesma idéia de uma forma menos previsível. Você pode, por exemplo, utilizar uma metáfora: A religião é (alguma coisa) que acompanha (que mexe, que inquieta etc) a vida do homem... Você pode ainda acrescentar mais idéias, dando ênfase à religião e o que ela provoca na vida das pessoas: apaixonada devoção em alguns? aversão irreversível em outros? etc.
- (4) Como você não discutiu, em seu texto, a religião politeísta, melhor não citá-la.
- (5) Some a idéia de Religião com a de Jesus, alinhando bem o conteúdo temático.
- (6) Complete: “...tão defendida e, ao mesmo tempo, tão atacada...”
- (7) A partir daqui, levar para o próximo parágrafo.
- (8) Contradição: sabemos que para os ateus isto não é impossível. Muito pelo contrário. Então, modifique esta parte.
- (9) Sugestão: “...em entrevista à revista Veja...”
- (10) Não precisa informar o título da entrevista.
- (11) Elimine a expressão.
- (12) Deixe claro, ao leitor, que ele é um ateu assumido e opositor da religião.
- (13) Eliminar a pontuação.
- (14) Sugestão: “...por isso, prega que...”
- (15) Ficou claro sua ironia, mas ainda acho que você precisa aclarar mais essa idéia para que o leitor entenda melhor: quais são ou podem ser essas outras formas de reação?
- (16) Vamos adjetivar? Sugestão: “...postura prepotente e calculista...”
- (17) Eliminar o conectivo. O leitor sabe que o parágrafo é conclusivo, então você pode ir direto às suas conclusões.
- (18) Parece que falta complementar essa idéia.
- (19) A partir daqui, último período. Veja como pode reescrever essa parte.

As interferências de números 3, 5, 8, 15, 18 e 19 apontam para lacunas temáticas que exigem uma reflexão mais atenta por parte do aluno, a fim de serem preenchidas; as de números 1, mais uma vez a 3, em seguida 9, 12, 14 e 16 sugerem acréscimo de expressões e/ou modificações no dizer do autor e, para serem atendidas, requerem

breves reflexões, a fim de que sejam feitas as suas escolhas; por último, as de números 2, 4, 6, 7, 10, 11, 13 e 17 não exigem necessariamente uma reflexão ou escolha, mas apenas a ação do aluno em alterar o que lhe foi diretamente solicitado. Porém, é fundamental que, participando do processo, o aluno pense sobre os motivos e os porquês de determinadas solicitações terem sido feitas, se há mesmo sentido em extrair uma vírgula, uma expressão, uma idéia. Somente praticar a alteração sem refletir sobre a ocorrência não produz aprendizagem.

Com base nas orientações, o aluno reescreveu seu texto, demonstrando a mesma iniciativa e competência nas suas ações de escrita. Para exemplificar, transcrevo o título e mais dois fragmentos da quarta versão:

a) Título: *Amigos da verdadeira liberdade*

O aluno acata a minha sugestão, mas também propõe a inclusão da expressão *verdadeira*, complementando e atribuindo um novo sentido ao título.

b) 1º parágrafo: *A religião é uma força que, queiramos ou não, acompanha a vida do homem, causando-lhe apaixonada devoção ou uma aversão quase que irreversível. A idéia de religião somada à do nascimento de Jesus, divide opiniões.*

Atendendo as sugestões 2, 3, 4 e 5, o aluno criou a metáfora para religião, intensificando e alinhavando as idéias. Mais uma vez, ele acrescenta expressões e transforma as palavras do outro em suas próprias.

c) 3º parágrafo: (...) *Porém, viver sem fé é viver sem sonho, sem perspectivas; e uma vida divorciada de valores como esses implica, na maioria das vezes, em abrir mão da crença em Deus, da aceitação dos propósitos em torno do nascimento de Jesus e da religião, assumindo a postura fria, prepotente e calculista de ser o deus de sua própria vida, desconhecendo, dessa forma, o que é ser verdadeiramente completo e feliz. (...)*

Neste fragmento, a única alteração feita a partir das minhas sugestões foi a adjetivação do substantivo *postura*. O aluno, por conta própria, acrescentou o adjetivo *fria*. Todas as demais alterações são advindas de sua iniciativa.

Pronta a quarta versão, o texto já estava pronto para ser encaminhado à publicação, se não fosse pelo fato de o jornal ter informado que o texto não poderia ultrapassar 3000 caracteres. O artigo do aluno apresentava mais de 4000. Por isso, para adequar-se às regras, precisou passar por mais duas reescritas.

Fiz novas interferências, auxiliando o aluno a reduzir o conteúdo de seu texto, sem interferir na coerência e unidade temáticas. O aluno reconstruiu todo o primeiro parágrafo, excluiu partes inteiras, alinhavando as idéias que permaneceram. Nesse período, o ano letivo já estava finalizado, porém o aluno manteve contato comigo, via e-mail, mostrando-me as reescritas de seu texto e recebendo minhas sugestões, até o dia 22 de dezembro de 2005. No dia 23, enviei para o site do jornal o artigo reduzido. O texto poderia ou não ser aceito para publicação. Para a nossa satisfação, a publicação aconteceu no dia seguinte, véspera de Natal, e todos os sujeitos-participantes da pesquisa receberam esta notícia, via e-mail.

Apresento, na íntegra, a versão a qual os leitores do jornal *O Diário do Norte do Paraná* tiveram acesso para leitura na seção *Opinião*:

Amigos da verdadeira liberdade

Quando se é criança ou jovem, adulto ou idoso, a liberdade para curtir a vida e ser feliz é sempre um dos nossos maiores desejos. Tão intensamente a ansiamos que quase perdemos a noção de alguns conceitos que nos garante o desfrute da verdadeira liberdade.

Em entrevista a uma revista de circulação nacional, em maio deste ano, por exemplo, o filósofo Michel Onfray deixou claro, em suas palavras, que Deus e a Religião são inimigos número um da liberdade e “invenções puramente humanas”. Assumidamente ateu e opositor da religião, ele propõe um projeto chamado “hedonista ético”, no qual defende o direito do ser humano ao prazer sem limites. Ao promover tal projeto, Michel alega que: “as religiões exaltam a submissão, a castidade, a fé cega e conformista em nome de um paraíso fictício depois da morte”, por isso defende que só o ateu pode ser verdadeiramente livre.

Ele simplesmente ignora o fato de que todo o prazer que se possa ter neste mundo não dá o real sentido à vida, não nos impulsiona a construir uma sociedade melhor, porque não preenche o espaço que há, por natureza, no homem para Deus. Como o famoso escritor Dostoiévski diz: “O espírito humano leva consigo o pressentimento da existência de um Ser Supremo e divino.” Mesmo a filosofia não supre esse “vazio de Deus” que em nós existe, pois a reflexão nos leva ao auto-conhecimento, à percepção do mundo, mas não é suficiente para a construção de um mundo melhor fundamentado na fé.

Viver sem fé é viver sem sonho, sem perspectivas e uma vida divorciada de valores como esses implica, na maioria das vezes, em abrir mão da crença em Deus, da aceitação dos propósitos em torno do nascimento de Jesus e da religião. Distante de tudo isso, o homem assume a postura fria, prepotente e calculista de ser o deus de sua própria vida, desconhecendo, dessa forma, o que é ser verdadeiramente completo e feliz.

O fundamento das religiões implica na busca da verdade, que nos leva à plena liberdade: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará (...) Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres.” (João 8,32-34). A essa busca, muitos outros valores estão atrelados, entre eles, a importância da intimidade com Deus, e as opções que fazemos na vida. Não se pode viver valorizando mais as leis e dogmas criados pelo homem do que os mandamentos dados por Deus. E, isso não significa que não podemos desfrutar dos prazeres, aliás, é uma questão de consciência: “Tudo vos é permitido, porém nem tudo vos convém.” (I Cor 6,12). O mundo nos oferece caminhos, mas muitos deles não são sadios, colocando em risco a nossa própria segurança. No entanto, é completamente possível gozar da verdadeira liberdade e de prazeres duradouros quando em submissão Àquele que, muito mais do que qualquer filósofo, sabe o que é melhor para garantir a nossa integridade física, moral, espiritual e emocional. Com Deus aprendemos a gozar de uma liberdade que não fere nem a nós nem ao próximo.

G.T. é estudante do Ensino Médio do Colégio R.M.

É importante aclarar que, no processo de reescritas, as transformações, o diálogo interior e as reflexões acontecem não apenas no aluno-autor, mas também no professor-mediador. O fato de o aluno não citar, na versão publicada, a fonte de onde retirou o dizer do filósofo Onfray é um exemplo claro de que, movida pela ideia de que seria melhor preservá-la, reconsiderarei uma sugestão dada na primeira versão, orientando-o a ocultar o nome da revista.

No dia 27, o jornal publicou uma carta enviada por um de seus leitores com elogios ao artigo. O leitor parabenizou o estudante, disse acompanhar diariamente os artigos publicados e elegeu seu texto como o melhor do ano. Nas palavras do leitor, o artigo

“arrasou, humilhou, deixou para trás teólogos, professores, políticos, empresários, pastores, padres, e bispos, que, (...) muitas vezes víamos os mesmos em busca de defender tão somente os seus interesses pessoais, suas “verdades”, seus interesses particulares, e muitos defendendo seus dogmas, sem se importar com o que Deus realmente defende em sua Palavra. Um verdadeiro presente de fim de ano, com este artigo, que para mim é o melhor e que calou profundamente no meu espírito. Continue a escrever, e trazer-nos mensagens tão maravilhosas como esta.”

Certamente, tomar conhecimento desta carta foi muito gratificante, especialmente para o aluno que teve uma prova concreta do quanto ele pode interagir com as pessoas, fora da sala de aula e de sua escola, através da escrita, provocando-lhes reações e sentimentos singulares. Mesmo que a carta publicada tecesse críticas ao invés de elogios, a experiência não deixaria de ser significativa.

5. Considerações finais

Os resultados demonstram que a mediação do professor, na (re)escrita, surte efeitos positivos quando a ação do aluno interage com as ações de seu interlocutor real, fazendo o texto caminhar em direção ao interlocutor virtual. As versões analisadas ilustram o quanto o aluno pode avançar nos textos que produz a partir do momento em que se coloca como sujeito na produção de textos e, independente de dom, inspiração ou talento para a escrita, transforma as palavras do outro em suas próprias, revelando, assim, sua individualidade discursiva.

A pesquisa também demonstra que o ato de questionar é a ação do professor-mediador que mais colabora para desencadear, no sujeito-aluno, o diálogo interior na escrita e, conseqüentemente suas ações de escrita e reescrita que enriquecem o conteúdo temático. Outras ações que mais estimulam a iniciativa dos alunos, orientando-os no processo de construção da escrita, são: a) delegar as responsabilidades de escolha temática, do ato de questionar e refutar o argumento de autoridade; b) dialogar e oportunizar mais tempo para a reflexão, sedimentação do conhecimento, produção e (re)planejamento do texto via mediação do professor; c) marcar o interlocutor virtual, criando possibilidades de o texto ser escrito para o *outro* e viabilizando a oportunidade de publicá-lo em um veículo de comunicação que circule fora do contexto escolar.

Uma das respostas dadas pelo autor do texto publicado, no questionário aplicado, resume o sentido e a aprendizagem que esta experiência lhe proporcionou:

Por ter reescrito várias vezes o artigo, creio que houve muito progresso, pois cada vez que o reescrevia, percebia novas modificações que seriam necessárias. O acompanhamento com a professora também foi de grande motivação, visto que houve um encaminhamento e um direcionamento mais específico, a cada versão do texto. O fato de haver questionamentos, reestruturação dos parágrafos, e correções me motivou a escrever pensando em quem iria ler o artigo, que tipo de pessoas e quais as reações que teriam ao lê-lo (...)

A partir deste depoimento e das análises que apresentei, é possível compreender que quanto mais acontece o ato da reescrita, mais o aluno-autor percebe que seu texto não é um produto finito de dimensões acabadas e, por isso, pode ser modificado quantas vezes se fizer necessário para que se alcance os resultados almejados. Ao melhorar sua escrita, a partir do vínculo dialógico que estabelece com o professor-mediador, o estudante aprende que dar qualidade aos textos que produz requer vontade, iniciativa no processo e disposição para o diálogo interior. Ele também aprende que sua escrita pode cumprir uma função social, que a cada uma das etapas de produção ele tem objetivos a cumprir, sente que há continuidade no trabalho que realiza e, por isso, aprende a valorizar os próprios textos, comprometendo-se mais com sua escrita e constatando, ele mesmo, seu progresso.

6. Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BERNARDO, G. *Educação pelo argumento*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- BRANDÃO, H.N. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Unesp, 1998.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. *O que é realidade*. 9. ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS M. H. (Org.). *Questões de linguagem*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994, p. 54-63.
- ROJO, R. *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's*. SP: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- SERCUNDES, M. M. I. Ensinando a escrever. In: GERALDI, J.W.; CITELLI, B. (Orgs.) *Aprender e ensinar com textos dos alunos*. vol 1. São Paulo: Cortez, 1997, p. 75-97.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.